



Nuevos perfiles profesionales y modelos de desempeño

Estudo investigativo sobre o perfil do arquiteto da informação centrado na representação e organização da informação

Agostinha Maria Rodrigues

Universidade de Brasília
Brasil · agostinharm@gmail.com

Márcio Bezerra da Silva

Universidade de Brasília - Faculdade de Ciência da Informação
Brasil · marciobdsilva@unb.br
La participación en el evento promovido por el Apoyo a la Investigación de la
Fundación del Distrito Federal (FAPDF) Brasil

Resumo: Estudo que investiga o perfil do arquiteto da informação a partir da representação e organização da informação na Web. Apresenta os sistemas de rotulação e organização da arquitetura da informação (AI), enquanto atividades paralelas à representação temática da informação da biblioteconomia, ações justificadas pela necessidade do uso de técnicas que modelem os ambientes digitais para que o usuário encontre a informação desejada, de forma intuitiva e prática. Objetiva-se verificar o perfil do arquiteto da informação em *Websites* segundo a faixa etária, gênero, formação acadêmica, como adquiriu conhecimento sobre AI e grau de experiência/tempo em que atua como arquiteto da informação. Constitui-se de um estudo exploratório no qual foi adotada a técnica de pesquisa bibliográfica e abordagem de coleta de dados quantitativa e qualitativa. Confirma que a AI em *Website* é uma área multidisciplinar, formalizando um perfil profissional concentrado nos campos da tecnologia da informação (TI), *designer*, *marketing* e organização e representação da informação (biblioteconomia). Conclui-se que o perfil é de um profissional jovem com aprendizado em AI adquirida no ambiente de trabalho e com pouco tempo de experiência, atuando na área a menos de cinco anos, além de pequena participação dos bibliotecários entre os profissionais, deflagrando a necessidade dos cursos de biblioteconomia integralizarem e/ou ampliarem os ensinamentos sobre AI em suas grades curriculares e, conseqüentemente, gerando ampliação no mercado de trabalho para além das bibliotecas.

Palavras-chave: Arquitetura da informação; Arquiteto da informação; Representação temática da informação; Sistema de organização; Sistema de rotulação.

Abstract: Study that investigates the profile information architect from the representation and organization of information on the Web. Presents the labeling systems and organization of information architecture (IA) as parallel activities to the thematic representation of biblioteconomy, actions justified by the need the use of techniques to model the virtual environments for the user to find the desired information, intuitive and practical way. Objective is to verify the profile of information architect on *Websites* according to age, gender, educational background, as acquired knowledge about AI and work level of experience/time as information architect. Consists of an exploratory study that adopted the technical literature and quantitative and qualitative data collects. Confirms that the AI on *Website* is a multidisciplinary area, formalizing a concentrated professional profile in the fields of information technology (IT), *designer*, *marketing* and organization and representation of information of the biblioteconomy. Presents as the conclusion that the profile is of a young professional with learning IA acquired in the workplace and with little time of experience, working, in the area less than five years, little participation of librarians among professionals, triggering the need for librarianship courses complement and/or expand the teaching of IA in their curriculum documents and consequently generating expansion in the labor market beyond the library.

Keywords: Information Architecture; Information Architect; Thematic Representation; Organization System; Labeling System.

Introdução

As mudanças geradas pela inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na sociedade trouxeram novas formas de organizar, armazenar e recuperar informações geradas em meio digital. No início, com as redes de computadores, nos âmbitos militar e depois acadêmico, as pessoas começaram a enviar dados de lugares diferentes (remotamente), pertencentes a grupos fechados, por meio de uma espécie de mensagens textuais simples. Mais tarde, com a Internet, modelos de armazenamento e recuperação foram alterados, associados ao surgimento de formas de disseminação/compartilhamento de informação a partir do som, vídeo, imagem e *hiperlinks*, elementos característicos da *World Wide Web* (WWW) e ofertados em espaços chamados de *Websites*, Portais, Vortais etc.

Os *Websites*, ao longo do tempo, foram apresentando diferentes *layouts* e formas de interação, inicialmente em propostas estáticas com organização de informação rígida, enquanto ação exclusiva dos proprietários dos ambientes. Posteriormente a organização passou para modelos mais flexíveis, permitindo a inserção (criação) de termos pelos próprios usuários, resultados de buscas por ranque de acesso entre outras características. Todas essas mudanças tornaram-se objetos de estudo da Arquitetura da Informação (AI), compreendida como a arte de organizar e rotular *Websites*, Portais, Intranets etc., para que as informações sejam de fácil acesso e organizadas de maneira compreensível aos usuários.

Nesse contexto a AI surgiu como aplicação de técnicas para estruturar as informações em ambientes digitais, especialmente *Websites*, sendo este um campo no qual várias áreas contribuíram e continuam com sua discussão, constituição e definição, entre as quais destacam-se a Ciência da Informação (CI), Biblioteconomia, Ciência da Computação (CC), Jornalismo, *Design*, Psicologia entre outras. Conforme Alves e Viana (2010), especificamente na CI e Biblioteconomia, as áreas que podem contribuir para a melhoria na disponibilização de informação em *Website* são planejamento estratégico, *marketing*, estudos de usuários, comunicação, representação da informação, indexação e interação humano-computador (IHC). Ainda segundo as autoras, o arquiteto da informação precisa lidar com questões de usabilidade, taxonomia, tesouros e vocabulário controlado.

Intimamente relacionadas ao presente trabalho, conforme as áreas da CI e Biblioteconomia anteriormente citadas, destacamos a representação da informação em sua vertente temática, também chamada de indexação, que [...] permitirá a recuperação da informação, ação esta intimamente relacionada às formas de armazenamento, que por sua vez está relacionada ao tratamento/indexação e a organização/classificação da informação, em um sistema (Da Silva, & Neves, 2010, p. 4). Mais especificamente, no contexto temático, encontramos as linguagens documentárias (LD), também entendida como vocabulário controlado. Segundo Kobashi (2008), a LD é composta por um conjunto de termos (descritores) que tem a função de representar a informação ou conhecimento, controlá-las e padronizá-las nos sistemas de recuperação da informação (SRI). Entre os tipos de LD destacamos os sistemas de classificações bibliográficas, que visam estabelecer uma hierarquia do conhecimento, mas com o objetivo de ordenar os documentos nas estantes e nos arquivos, reunindo-os de acordo com os seus assuntos, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação Decimal Universal (CDU) e a *Colon Classification* (CC), traduzida como Classificação dos Dois Pontos. Em uma perspectiva digital, também elencamos o tesouro, a taxonomia, a folksonomia e ontologia.

Com base no contexto apresentado surgiu o interesse em descobrir quem são os possíveis profissionais que atuam como arquitetos da informação no âmbito da representação e organização da informação, deflagrando os nossos problemas da pesquisa: *Qual é o perfil do arquiteto da informação? Quais são as áreas de formação dos profissionais que atuam como arquiteto da informação?* Para respondê-las, o presente estudo objetivou verificar o perfil do arquiteto da informação em *Websites*, segundo a faixa etária, gênero, formação acadêmica, como adquiriu conhecimento sobre AI e grau de experiência/tempo em que atua como arquiteto da informação.

Arquitetura da informação em website

AI é uma área formada por técnicas de organizar e alocar os conteúdos nos ambientes digitais a partir de questões relacionadas a representação, ordenação, navegação e pesquisa em Website. Rosenfeld e Morville (2006, p. 15) definem AI da seguinte forma:

- A combinação dos esquemas de organização, rotulação e navegação dentro de um sistema de informação;
- design estrutural do espaço informacional para facilitar a completude das tarefas e acesso intuitivo ao conteúdo;
- A arte e a ciência de estruturar e classificar websites e intranets para ajudar as pessoas a encontrar e gerenciar informação;
- Uma disciplina emergente e uma comunidade de prática focada em trazer princípios do design e arquitetura ao espaço digital.

A AI é composta pelos sistemas de rotulação, organização, navegação e busca, sendo enfoques do presente artigo os dois primeiros. No sistema de rotulação são definidas as formas de representação e apresentação da informação por meio de rótulos, entre título de menu, título de página e ícones para cada elemento informativo do Website. O rótulo é um termo ou símbolo linguístico utilizado para representar um conceito. Para Bustamante (2004) é uma forma de representação usada assim como as palavras para manifestar pensamentos. Os rótulos apresentam um conjunto de informações em um Website e assim possibilitam uma comunicação com os usuários.

O processo de produção dos rótulos pelos arquitetos da informação é semelhante ao de indexação realizado pelos bibliotecários na atribuição de termos representativos aos assuntos e conteúdos dos materiais bibliográficos. Nonato, Borges, Maculan e Lima (2008, p. 133) acredita que uma contribuição da Ciência da Informação e da Biblioteconomia para a implementação do sistema de rotulagem é a utilização das técnicas de indexação de assuntos. Segundo Rosenfeld e Morville (2006) os vocabulários controlados e tesouros podem ser fontes de informação na localização de rótulos para o Website. Para os autores, ambos podem ser licenciados para serem utilizados como sistema de rotulagem de um Website, entretanto alertam que a consulta deve ocorrer antes de iniciar o processo de criação do sistema de rotulação. Os autores ainda destacam que os tesouros são úteis por conter termos de uma determinada área com o objetivo de eliminar ambiguidades, controlar sinônimos e representar a informação de maneira exata e consistente.

No sistema de rotulação existem alguns tipos de rótulos que representam os conteúdos do Website, a saber: *links* contextuais, títulos, ícones e termos de indexação. O primeiro tipo de rotulação são os *links* contextuais, ou seja, *hiperlinks* que estão dentro da página e levam para outras partes do mesmo Website ou de outra página. Os *links* contextuais são fáceis de criar, mas isso não significa que funcionem de maneira efetiva. Os *links* contextuais não são desenvolvidos de forma sistemática. Pelo contrário, são ligações heterogêneas e utilizadas com frequência de maneira pessoal. Na maioria das vezes os *links* contextuais significam conceitos díspares para pessoas diferentes. Para serem representativos, os *links* contextuais devem ser utilizados de acordo com algum contexto, caso contrário o usuário provavelmente será surpreendido com informações não relacionadas ao rótulo.

O segundo tipo de rotulação, os títulos, são os rótulos textuais, nomes ou termos que descrevem o conteúdo que será apresentado no Website, geralmente atrelado a algum texto, notícia etc. Muitas vezes são utilizados para estabelecer uma hierarquia dentro de um texto. Os rótulos ajudam a determinar os *subsites* de um Website ou diferenciar categorias de subcategorias (ROSENFELD; MORVILLE, 2006).

O terceiro tipo de rotulação, os ícones, são imagens utilizadas para representar conceitos com a finalidade de substituir os títulos. Segundo Cooper e Teiman (2003) os ícones são facilmente reconhecidos pelas pessoas, entretanto tem a desvantagem de serem menos precisos. O ícone pode ser ambíguo para o usuário até o momento que ele não compreender o seu significado. Depois de apreendido, o usuário não esquece facilmente o significado e reconhece de maneira mais rápida os rótulos textuais.

Devido a isso os ícones são recomendados quando o *Website* contém usuários frequentes, assíduos. Como exemplos podemos citar os símbolos usados para representar as redes sociais como *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*, além de ícones do próprio *Website* como *home* (página inicial), carrinho de supermercado (compras), avião (viagem) etc.

Por fim, o último tipo de rotulação são os termos de indexação (índices), isto é, palavras-chave/*tags*/descritores que representam os conteúdos para a navegação e pesquisa, por isso é comum estes índices serem chamados de mapas de navegação dos *Websites*, geralmente localizados no final da página. O conjunto de termos de indexação pode ser usado para representar qualquer tipo de conteúdo como o próprio *Website*, seus *subsites*, partes de conteúdos e outros. Tal conjunto geram listas, no formato de índice, proporcionando uma maneira acessível para navegar nos conteúdos do *Website*. Em alguns projetos, os termos de indexação não são visíveis pelos usuários, como é o caso dos registros dos bancos de dados (BD), que incluem campos para os termos de indexação, mas geralmente não são vistos pelos usuários na página principal. Neste caso os termos são apresentados apenas no momento de busca da informação (ROSENFELD; MORVILLE, 2006).

O sistema de organização, contemplando o objetivo da pesquisa, tem por função estruturar toda a informação do *Website* por meio da ordenação (agrupados e categorizados) e modelagem do espaço para inserção de conteúdos. Organizar o conteúdo do *Website* é colocar uma ordem lógica e compreensível na quantidade de conceitos, símbolos e informações que se encontram disponíveis. A classificação é utilizada no *Website* para disponibilizar o conteúdo de uma página dentro de um mesmo menu, ou categoria, de acordo com seus assuntos semelhantes. Na *AI* em *Website*, dependendo do contexto, o conteúdo é organizado por tema ou por assunto e os princípios de classificação são utilizados em um tipo de estrutura de organização de *Website* denominado taxonomia. Para Rosenfeld e Morville (2006), as estruturas de organização representam uma característica do sistema de organização com a finalidade de apresentar os principais caminhos possíveis que o usuário pode percorrer no momento da navegação. As estruturas de organização utilizadas no desenvolvimento do *Website* são: hierárquica (taxonomia), hipertextual e BD.

A taxonomia é definida como uma classificação sistemática de elementos de variada natureza. A unidade que é ordenada nas taxonomias atuais são os conceitos, que por sua vez se apresentam em classes segundo ordem lógica definida por princípios classificatórios. Segundo Aquino, Brascher e Carlan (2009, p. 204), as taxonomias surgiram como um dos ramos da Biologia que construiu a classificação lógica e científica dos seres vivos, trabalho realizado pelo botânico sueco Carl VonLinné. O termo teve origem no grego *táxis* (ordem) e *onoma* (nome).

A estrutura de organização em BD possibilita a realização de consultas em campos e, desta forma, acessar seus registros. Rosenfeld e Morville (2006) definiu BD como uma coleção de dados organizados com a finalidade de possibilitar uma pesquisa e uma boa recuperação de informação. Segundo Da Silva (2010, p. 8), BD é uma [...] coleção de dados organizados para facilitar e agilizar a busca e recuperação, formado por entidades, registros, atributos, campos, dado único (chave), relacionamentos entre entidades, integridade referencial e normalização de entidades. Ainda segundo os autores, a estrutura de organização em BD permite a geração automática de índices alfabéticos, cada vez mais adotadas em tempos atuais, apresentação dinâmica associativa a outros dados/*links* como "ver também", pesquisas em campos específicos e filtragem (classificação) avançada dos resultados de busca.

A estrutura de organização hipertextual é uma forma não-linear de estruturar as informações por dois tipos principais de componentes: itens ou partes de informações que serão ligadas; e a própria ligação entre essas partes. Esses componentes podem formar sistemas de hipermídia que ligam texto, imagem, vídeo, áudio, trechos de áudio etc. As partes do hipertexto podem ser conectadas de forma hierárquica, não hierárquica ou de ambas as formas.

Para Rosenfeld e Morville (2006), embora a estrutura de organização hipertextual ofereça grande flexibilidade, ela pode causar confusão no usuário porque as ligações por meio de *links* geralmente são pessoais e não apresenta um modelo mental

(imparcial) de organização, gerando, por vezes, o sentimento de frustração. Os autores recomendam a organização hipertextual como complemento das estruturas hierárquicas, pois o hipertexto permite relações úteis e criativas entre os itens de uma hierarquia. Desta forma faz sentido primeiro projetar a hierarquia e depois identificar as formas de hipertexto que podem complementar a estrutura de ordenação supracitada.

Conforme a fundamentação teórica aqui apresentada sobre os sistemas da AI em discussão é possível compreender que a vertente da organização em *Website* ocorrerá por meio da classificação ou categorização dos conceitos que representam os conteúdos e, finalmente, estruturados com um *design* agradável e positivo à navegação no ambiente.

Metodologia

A investigação formalizou-se a partir de um percurso metodológico. No que se refere ao objetivo, a pesquisa define-se como exploratória. Quanto aos procedimentos técnicos foi adotada a pesquisa bibliográfica a partir de consultas em repositórios institucionais, bibliotecas digitais de monografias e dissertações, *Websites*, bases de dados, acervos bibliográficos entre outros. A abordagem de coleta de dados modelou-se entre quantitativa, enfocando a contagem proporcional de arquitetos da informação de acordo com o sexo, idade, formação acadêmica (profissional) e tempo de atuação na área de AI; e qualitativa, analisando como os arquitetos da informação adquiriram conhecimento sobre AI, formação específica em AI e atuação de bibliotecários como arquitetos da informação. O questionário foi o instrumento de coleta de dados adotado, confeccionado na ferramenta *Google Docs*¹, especificamente o serviço *Google Forms*, aplicação direcionada à criação de formulários.

A pesquisa foi aplicada nos grupos de AI nas redes sociais *Facebook* e *LinkedIn*, entre abertos e fechados. A escolha das redes sociais se deram pelos fatos de nos permitirem encontrar pessoas que trabalham ou pesquisam sobre AI em espaços específicos da Internet, nossa familiaridade (perfil pessoal) com as redes sociais elencadas e disponibilização do questionário de maneira *online* e sem custo.

Após o mapeamento nas duas redes sociais supracitadas, elaboramos uma estrutura (quadro 1) organizada pelo nome de cada grupo, tipo e quantidade de membros:

Quadro 1 – Grupos de AI nas redes sociais *Facebook* e *LinkedIn*.

Rede Social	Nome do Grupo	Tipo de grupo	Quantidade membros
Facebook	Arquitetura de Informação para Bibliotecários	Fechado	142
	Arquitetura da informação 2.0	Público ²	400
	Arquitetura da informação	Fechado	18
	Arquitetura da informação	Fechado	11
	Arquitetura da Informação / Luciana Manfroi	Fechado	18
	InFace-Usabilidade, Arquitetura da informação, Design de Interfaces	Aberto	411
	TI, Arquitetura da Informação, Desenvolvimento e Futilidade	Aberto	38
LinkedIn	Arquitetura da Informação	Aberto	110
	AI & UX (Arquitetura de Informação e User Experience)	Aberto	2969
	BibliotecomIA (grupo relacionado a AI)	Fechado	14
	Instituto de Arquitetura de Informação	Aberto	1051

Fonte: Da pesquisa, 2014.

Depois do mapeamento solicitamos permissão de acesso aos grupos fechados, recebendo autorização de apenas dois ambientes do *Facebook*: Arquitetura da Informação para Bibliotecários e Arquitetura da Informação. A partir dos aceites, o campo de pesquisa constituiu-se de oito (8) grupos que representaram um montante de 31 pessoas (amostragem):

¹ Site: <https://docs.google.com/?hl=pt-BR>.

² Idem a grupo aberto.

- **Facebook: Abertos (3):** Arquitetura da informação 2.0; InFace-Usabilidade, Arquitetura da informação, Design de Interfaces; TI, Arquitetura da Informação, Desenvolvimento e Futilidade; **Fechados (2):** Arquitetura da Informação para Bibliotecários; Arquitetura de Informação;
- **LinkedIn: Abertos (3):** Arquitetura da Informação; AI & UX (Arquitetura de Informação e User Experience); Instituto de Arquitetura de Informação.

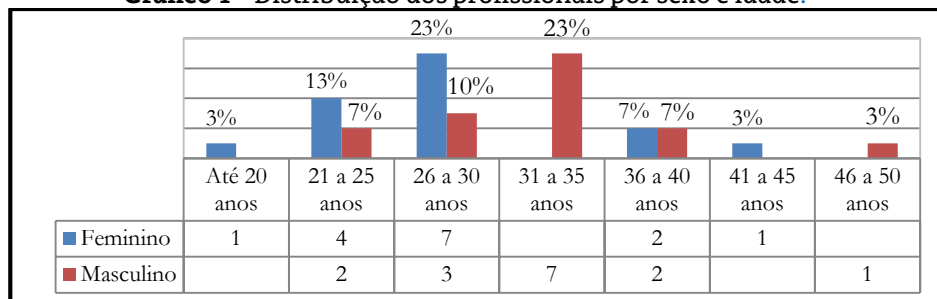
Em suma, o percurso metodológico da presente pesquisa foi constituído das seguintes etapas de realização: 1. Realização da pesquisa bibliográfica e produção da fundamentação teórica conforme os assuntos abordados; 2. Mapeamento, nas redes sociais, de grupos de AI em Website; 3. Confeção e aplicação do questionário semiestruturado no período de 20 de outubro até quatro (4) de novembro 2014; 4. Coleta e tratamento dos dados; 5. Interpretação dos dados e considerações.

Resultados E Discussões

Correspondente as questões de um (1) a cinco (5), o enfoque esteve direcionado ao perfil do pesquisado. A questão fechada de número um (1) averiguou os profissionais de acordo com o sexo. Dos 30 pesquisados³, metade são homens e a outra parte são mulheres, correspondendo a 48,5% para cada.

A questão dois (2), de natureza aberta, verificou a faixa etária dos pesquisados. Segundo o gráfico um (1), identificamos que os profissionais são jovens, em sua maioria, com idade média de 30 anos, concentrado na faixa etária de 26 a 35 anos, correspondendo a 56% dos pesquisados, ou seja, 17 pessoas. Destrinchando esta média, dos respondentes, a maioria (33%) está na faixa etária entre 26 a 30 anos, sendo o maior valor para o sexo feminino (7), enquanto que três (3) pesquisados são homens. Por outro lado, a minora está representada pelas faixas etárias até 20 anos, 41 a 45 anos e 46 a 50 anos, correspondentes a 3% cada uma.

Gráfico 1 – Distribuição dos profissionais por sexo e idade.



Fonte: Da pesquisa, 2014.

Destacamos a faixa etária com o maior valor, ao qual 23% são mulheres e 10% são homens, ou seja, sete mulheres e três homens. Merece destaque também a faixa etária de 31 a 35 anos, pois novamente surgiu o resultado de 23%, porém neste caso atribuído aos homens, enquanto que as mulheres possuem maior concentração entre os 26 e 30 anos. Salientamos que a faixa etária de maior valor dos homens enquadra-se entre 31 a 35 anos. Além disso, com exceção do intervalo 31 a 35 anos, percebe-se que as mulheres estão se inserindo no mercado de trabalho de AI com maior porcentagem do que os homens da mesma faixa etária.

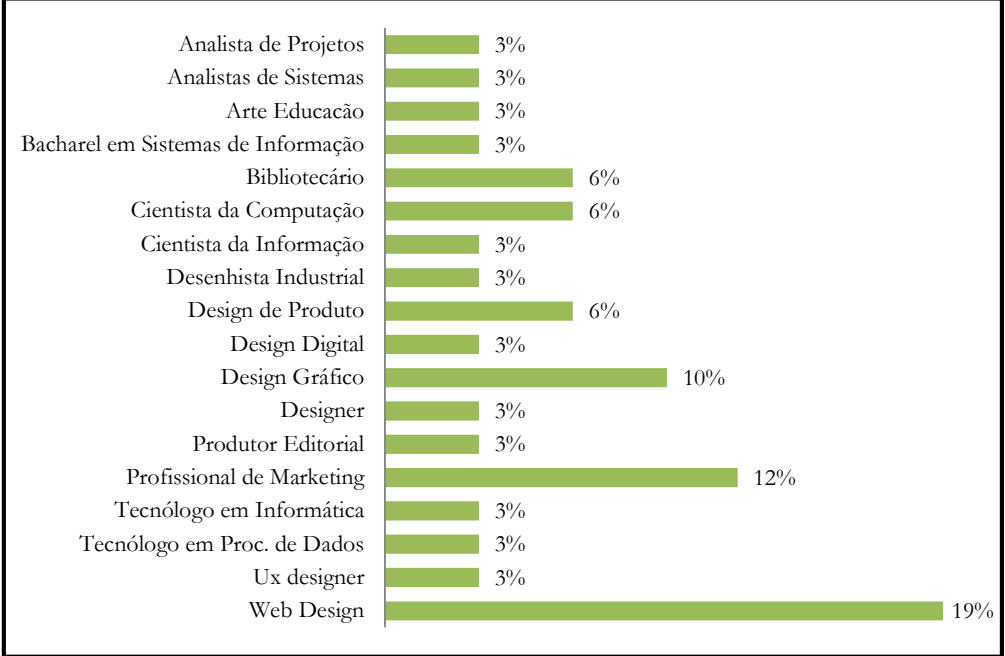
A pergunta de número três (3), de natureza fechada e com apenas uma opção de resposta aberta (outros), tinha a finalidade de verificar qual a área de formação dos pesquisados. Como pode ser visto no gráfico três (3), há uma variedade de profissionais que atuam em AI, entre profissionais com formação em *webdesign*, maioria correspondente a 19% dos respondentes, seguido pelos profissionais de *marketing*,

³ Um pesquisado não respondeu.

representando 12% do total. Por outro lado há poucos profissionais da informação atuando em AI, sendo apenas 6% de bibliotecários e 3% de cientistas da informação.

Mesmo se concentrando em algumas áreas principais, a diversidade da formação dos profissionais mostra que a AI em Website precisa da contribuição de diferentes disciplinas, comprovando seu caráter multidisciplinar (gráfico 2).

Gráfico 2 – Áreas de formação dos profissionais⁴.



Fonte: Da pesquisa, 2014.

Os dados coletados concordam com o resultado da pesquisa de Reis (2007), na qual houve também uma diversidade de áreas na formação dos profissionais que naquele ano trabalhavam com AI, a saber: sistema de informação, gerenciamento, IHC, redes e computadores, e gerenciamento de projetos.

Apesar da pesquisa identificar 18 tipos de formação profissional, conforme apresentado no quadro dois (2), os cursos se concentram em tecnologia da informação (TI), designer, organização e representação da informação e marketing.

Quadro 2 – Formação profissional.

Área superior	Área específica	Opção (resposta)
Tecnologia da Informação	Analistas de Sistemas	Do pesquisado
	Cientista da Computação	Do autor
	Sistemas de Informação	Do pesquisado
	Tecnólogo em Informática	Do pesquisado
	Tecnólogo em Processamento de Dados	Do pesquisado
Designer	Design Digital	Do pesquisado
	Design Gráfico	Do pesquisado
	Design de Produto	Do pesquisado
Organização e Representação	Bibliotecário	Do autor
	Cientista da Informação	Do autor
Marketing	Profissional de Marketing	Do autor

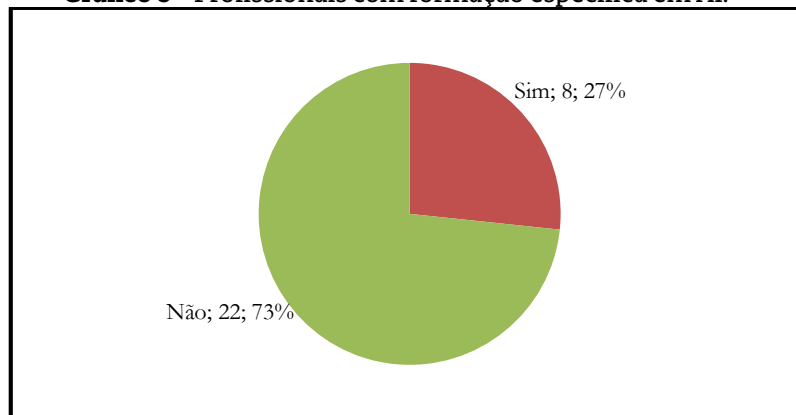
Fonte: Da pesquisa, 2014.

A questão de número quatro (4), de natureza fechada, identificou se os pesquisados possuem formação em AI. Observa-se no gráfico três (3) que a maioria dos respondentes não tem formação específica em AI, correspondendo a 73%, e 27% possuem formação específica. Isso pode ser devido a existência de poucos cursos de graduação e especialização em AI. Provavelmente os cursos de biblioteconomia não contemplem, em suas grades curriculares, disciplinas sobre AI em Website. Como a

⁴As formações profissionais que não obtiveram respostas foram Jornalista e Psicólogo.

representação e organização da informação fazem parte do currículo básico da biblioteconomia, seria pertinente buscar uma interação entre os campos da biblioteconomia supracitados com a área de AI.

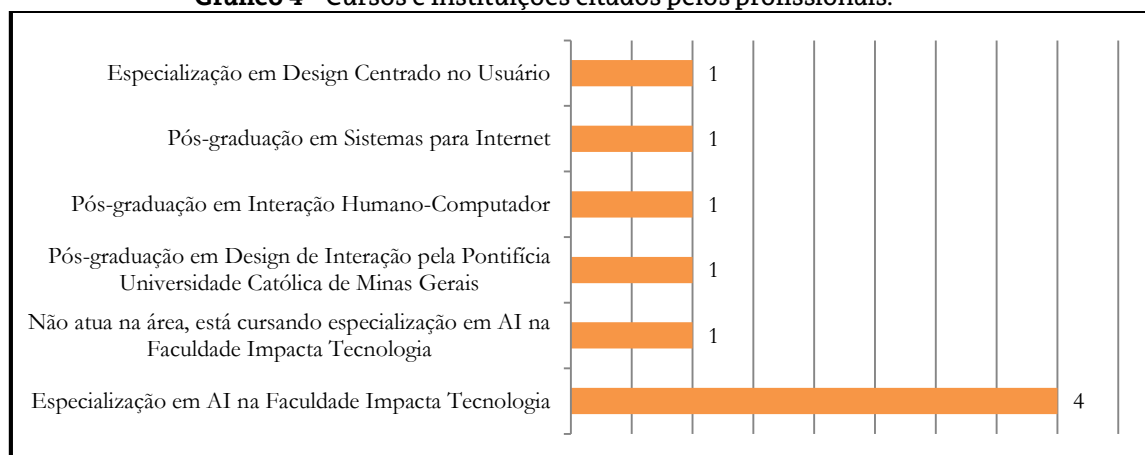
Gráfico 3 – Profissionais com formação específica em AI.



Fonte: Da pesquisa, 2014.

Dentro da questão quatro (4) foi apresentada a pergunta 4.1, de natureza aberta, onde foram questionadas a formação/curso/Instituição na qual adquiriu conhecimento sobre AI, conforme apresentado no gráfico quatro (4). Entre as respostas coletadas, tomando como base as afirmações de Alves e Viana (2010), Rosenfeld e Morville (2006), e Reis (2007), quanto aos profissionais que constituem a AI, destacamos os seguintes valores: quatro (4) profissionais fizeram especialização na Faculdade Impacta Tecnologia (FIT), que possui dois (2) campi e está localizada na cidade de São Paulo (SP – Brasil); um (1) respondente, especificamente o de número sete (7), informou não atuar na área, mas que está cursando especialização em AI também na FIT; um (1) dos respondentes possui curso de especialização na *Information Architecture Institute*; um (1) possui pós-graduação em *design* de interação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas – Brasil); um (1) com pós-graduação em IHC; um (1) com pós-graduação em sistemas para Internet; e, por fim, um (1) respondente tem especialização em *design* centrado no usuário. Em suma, de acordo com os cursos de especialização elencados, é possível visualizar que dos nove (9) respondentes, quatro (4) tem especialização em AI, um (1) está cursando e quatro (4) tem pós-graduação em áreas específicas que contribuem na AI em Website.

Gráfico 4 – Cursos e Instituições citados pelos profissionais.



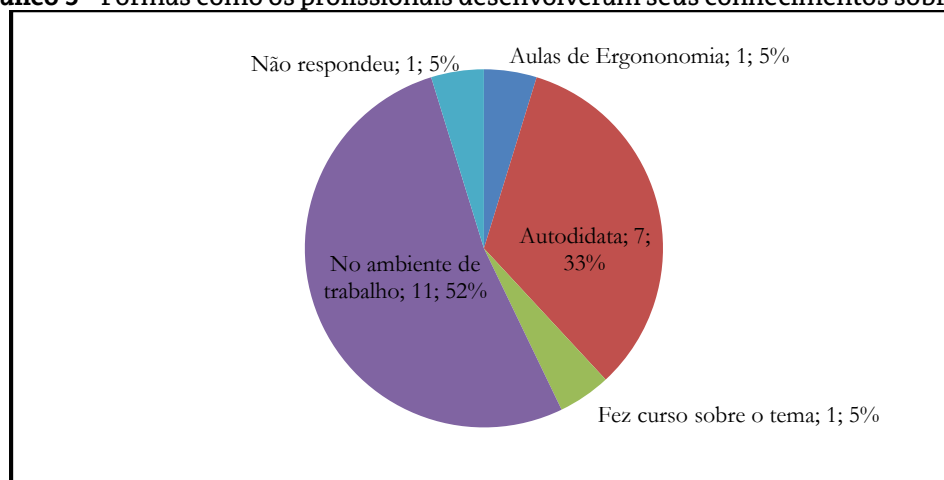
Fonte: Da pesquisa, 2014.

Na questão 4.2, de natureza fechada, na justificativa pelos que informaram não possuir formação específica em AI, conforme o gráfico cinco (5)⁵, 52% aprenderam ou

⁵ Um (1) respondente deixou essa questão em branco.

tiveram contato com a área no próprio ambiente de trabalho, enquanto que 33% se consideram autodidata.

Gráfico 5 – Formas como os profissionais desenvolveram seus conhecimentos sobre AI.

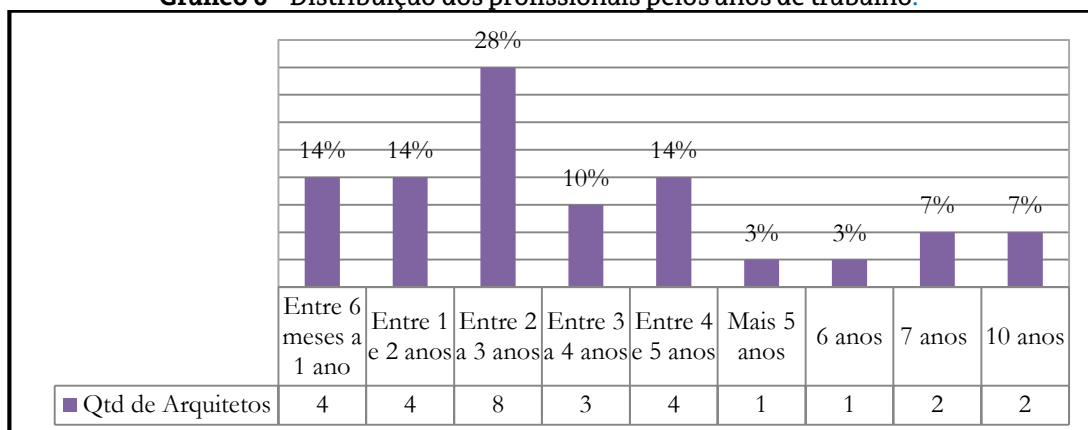


Fonte: Da pesquisa, 2014.

Esta questão ainda apresentou a opção de informar outros meios de como o profissional adquiriu conhecimento em AI. Do total restante, 5% adquiriu conhecimento em AI nas aulas de ergonomia e outros 5% em cursos de curta duração sobre o tema. Fazendo um paralelo entre os resultados da pergunta quatro (4) e suas subquestões com uma pesquisa realizada por Marcório (2010) sobre o perfil do arquiteto da informação, que apresentou como resultado a maioria (37% da amostra) adquirindo conhecimentos sobre AI de forma autodidata e 26% aprenderam no ambiente de trabalho, constatamos que houve um aumento do número de profissionais que desenvolveram seu aprendizado no ambiente de trabalho e uma diminuição dos que adquiriram conhecimento de maneira autodidata. Ambas as pesquisas nos apresentam um panorama onde é possível inferir que os números podem estar relacionados à ausência de cursos de nível superior em AI e também a existência de poucos cursos de especialização na área em questão.

A questão cinco (5) identificou quanto tempo o respondente trabalha com AI. No gráfico seis (6) é demonstrada a distribuição dos profissionais por ano de trabalho, sendo que a maior parte, correspondente a 28%, tem entre dois (2) a três (3) anos de experiência, enquanto que 14%, enquanto maioria dos respondentes, encontra-se entre as faixas de seis (6) meses a um (1) ano, de um (1) a dois (2) anos e de três (3) a quatro (4) anos de experiência.

Gráfico 6 – Distribuição dos profissionais pelos anos de trabalho.



Fonte: Da pesquisa, 2014.

Por outro lado, correspondendo ao menor valor, 3% correspondem aos profissionais que atuam a mais de cinco (5) anos e os que possuem seis (6) anos de experiência respectivamente. O fato da maioria dos profissionais ter até cinco (5) anos de experiência pode estar relacionada a idade (juventude) dos profissionais, com a média de idade de 30 anos, conforme constatado nos dados coletados na resposta da questão de número dois (2) do questionário.

Em suma, na análise constatamos que há um equilíbrio entre pessoas do sexo masculino e feminino que trabalham como arquitetos da informação, sendo a maior parte entre a faixa etária de 20 e 30 anos, especialmente no intervalo de 26 a 30 anos. Há profissionais com diversas formações, entretanto se concentram em quatro áreas: TI; *designer*; organização e representação da informação; e *marketing*.

Considerações finais

Atualmente, com as mudanças geradas pelas TIC, a informação passou a ser produzida em uma constante crescente, disponibilizada de diferentes formas e acessada nos mais variados lugares, tudo isso graças à Internet. A resultante desde impacto foi, e continua sendo, a valorização do objeto em pauta, que por sua vez influencia na tomada de decisão dos indivíduos, direcionando a vida social, política e/ou econômica. Mesmo com a variedade de conceitos, abordada em diversas áreas do conhecimento, existe uma intercepção quando se encara a informação como o insumo básico para que as pessoas adquiram conhecimento e gerem inovações, que posteriormente contribuirão para o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, para facilitar o encontro da informação desejada/necessária, é indispensável que esteja representada à linguagem do usuário e organizada de forma coerente ao objetivo do ambiente, tanto fisicamente, quanto digitalmente.

No enfoque digital, a AI representa métodos e técnicas de estruturar os *Website* a partir da discussão que envolvam as ações de rotular, organizar, navegar e buscar os conteúdos disponibilizados. Trata-se de um campo multidisciplinar que recebe contribuições de várias áreas, entre elas a biblioteconomia, CI, CC, *designer*, *marketing*, jornalismo e outros. Especificamente sobre a biblioteconomia existem contribuições na AI em *Website* diante dos estudos de usuários, comunicação, planejamento, além da representação e organização da informação.

Por meio da análise dos dados foi possível observar que o perfil do arquiteto da informação é de um profissional jovem, em média 30 anos, representado pelo equilíbrio entre homens e mulheres que atuam nessa área. Confirmamos a natureza multidisciplinar da AI em *Website*, representados por dezoito tipos de formação profissional, basicamente concentrados nas áreas de TI, *designer*, *marketing* e representação e organização da informação. A maioria dos arquitetos da informação teve contato ou adquiriram conhecimento em AI no próprio ambiente de trabalho. O número de autodidatas foi o um valor relevante entre as formas como os profissionais desenvolveram seus conhecimentos sobre AI.

Conclui-se que o perfil é de um profissional jovem com aprendizado em AI adquirida no ambiente de trabalho e com pouco tempo de experiência, atuando na área a menos de cinco anos, além de pequena participação dos bibliotecários entre os profissionais, deflagrando a necessidade dos cursos de biblioteconomia integralizarem e/ou ampliarem os ensinamentos sobre AI em suas grades curriculares e, consequentemente, gerando ampliação no mercado de trabalho para além das bibliotecas.

Referências

Alves, B., & Viana, E. (2010). A importância do bibliotecário no papel de arquiteto da informação. In *Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação: Vol. 23. Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e suportes informacionais do século XXI: lugares de memória para a biblioteconomia* (pp. 1-9). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Recuperado em 05 setembro, 2014, de <http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/31>.

Aquino, I., Carlan, E., & Brascher, M. B. (2009). Princípios classificatórios para a construção de taxonomias. *Ponto de acesso*, 3(3), 196-215. Recuperado em 20 outubro, 2014, de <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3626/2744>.

Bustamante, A. M. O. S. (2014). Arquitectura de información y usabilidad: nociones básicas para los profesionales de la información. *ACIMED*, 12(6). Recuperado em 12 setembro, 2014, de http://www.bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12_6_04/aci04604.htm.

Cooper, A., & Reimann, R. (2003). *About Face 2.0: the essentials of user interface design*. Indianópolis: Wiley.

Da Silva, M. B. (2010). O Arquiteto da Informação na Organização e Representação da Informação. In *Encontro de Estudos sobre Tecnologia, Ciência e Gestão da Informação: Vol. 1*. (pp. 1-13). Recife: Editora NECTAR. Recuperado em 12 setembro, 2014, de <http://www.enegi.com.br/anais/edicoes/ienegi/artigos/gt8/trab28.pdf>.

Kobashi, N. Y. (2008). Vocabulário controlado: estrutura e utilização. In Mapeamento para a reunião da Rede de Escolas de Governo. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública (ENAP). Recuperado em 10 setembro, 2014, de http://www2.ena.gov.br/rede_escolas/arquivos/vocabulario_controlado.pdf.

Marcório, B. (2010). *Perfil do arquiteto de informação no Brasil: situação em 2010* (Monografia de Especialização em Arquitetura e Organização da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010). 84f. Recuperado em 10 fevereiro, 2015, de <http://www.agner.com.br/download/pucrio/AI/AI%202010%20Monografia%20Belkiss%20Marc%F3rio.pdf>.

Nonato, R. S., Borges, G. S. B., Maculan, B. C., & Lima, G. A. B. O. (2008). Arquitetura da informação em bibliotecas digitais: uma abordagem da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. *Informação & Informação*, 13(2), 125-141. Recuperado em 10 novembro, 2014, de <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1812>.

Reis, G. A. (2007). *Centrando a Arquitetura da Informação no usuário* (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Departamento da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2007). 250f. Recuperado em 10 novembro, de 2014, de http://www.guilhermo.com/mestrado/Guilhermo_Reis-Centrando_a_Arquitetura_de_Informacao_no_usuario.pdf.

Rosenfeld, L., & Morville, P. (2006). *Information Architecture for the Word Wide Web* (3th ed.). Sebastopol: O'Reilly.